



07/12/2005 - 19h12

Bolsa Família deve ser imune a mudanças de governo-Banco Mundial

BRASÍLIA (Reuters) - O Bolsa Família é o principal programa do país com efeitos diretos sobre a redução da desigualdade e a tendência é que ele seja mantido, e ampliado, nos próximos anos, mesmo com uma eventual mudança de governo, avaliaram economistas do Banco Mundial nesta quarta-feira.

"Se o próximo governo for do PT, não há mudança. Se for do PSDB ou do PFL vai poder dizer, com razão, que o Bolsa Família começou com eles", afirmou Francisco Ferreira, co-autor do Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2006 do Banco Mundial, a jornalistas.

Ferreira, que participou de seminário sobre desigualdade promovido pelo Banco Mundial em Brasília, argumentou que avaliações dos efeitos do programa sobre a desigualdade e a educação contribuirão para "blindar" o Bolsa Família, garantindo sua continuidade.

Estudo do Banco Mundial mostrou que, em 2002, 41 por cento dos recursos do Auxílio Gás e do Bolsa Escola --programas que, ampliados, deram origem ao Bolsa Família em 2003-- chegaram ao grupo dos 20 por cento mais pobres da população brasileira.

Em contraste, 55 por cento dos benefícios da Previdência Social que não têm lastro em contribuições são direcionados aos 20 por cento mais ricos do país.

"O Bolsa Família é o único programa que está chegando aos pobres no Brasil", afirmou Kathy Lindert, economista sênior do Banco Mundial e autora do estudo, destacando que o INSS, ao contrário, beneficia mais os ricos e por isso reforça a desigualdade.

Para Kathy, críticas de que o Bolsa Família seria assistencialista não procedem porque o programa já mostrou ter efeitos estruturais, na medida em que o pagamento dos benefícios são condicionados a deveres, por parte dos beneficiados, que contribuem para a melhora do seu nível de escolaridade e mesmo de saúde.

MENOS POBREZA

O economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, afirmou que a ampliação do número de famílias beneficiadas pelo Bolsa Família em 2005, aliado ao reajuste do salário mínimo e da geração de empregos irão garantir, no ano, uma queda da desigualdade maior do que a verificada em 2004.

Segundo Neri, a retração do PIB verificada no terceiro trimestre terá efeito negativo sobre a pobreza, mas ele destacou que o desempenho da economia nos 12 meses acumulados até setembro ainda é positivo, superior a 3 por cento.

Em 2004, 25,08 por cento da população estava abaixo da linha de miséria --renda de 120 reais por membro da família--, contra 27,26 por cento em 2003.

"Vai cair mais este ano, estou otimista", afirmou Neri no seminário.

(Por Isabel Versiani)

UOL Busca - Veja o que já foi publicado com a(s) palavra(s)

[INSS - Instituto Nacional do Seguro Social](#)

[PT - Partido dos Trabalhadores](#)

ÍNDICE DE ÚLTIMAS NOTÍCIAS

IMPRIMIR

ENVIE POR E-MAIL

Reuters Limited - todos os direitos reservados. O conteúdo Reuters é de propriedade intelectual da Reuters Limited. Qualquer cópia, republicação ou redistribuição do Conteúdo Reuters, inclusive por armazenamento rápido, enquadramento ou outros meios semelhantes, estão expressamente proibidas sem o consentimento prévio por escrito da Reuters. A Reuters não será responsável por quaisquer erros ou atrasos no Conteúdo, ou por quaisquer medidas tomadas na ocorrência dos fatos ora descritos.